

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro, Rocco, 158p.

John Milton*

No Brasil, atualmente, somos cercados de livros traduzidos, filmes legendados, e produtos importados com instruções traduzidas para o português. A tradução é parte de nosso dia-a-dia, mas poucas vezes imaginamos que a história da tradução no Brasil seja repleta de restrições, proibições e dificuldades para tradutores.

O livro da Lia Wyler demonstra que os problemas foram muitos. O Brasil foi proibido de imprimir livros até a chegada da Corte portuguesa em 1808. Até então, todos os livros e traduções destinados ao Brasil tinham que ser publicados na metrópole, Lisboa. E o início da indústria livreira no Brasil foi dominado pelas editoras francesas que abriram filiais no Rio de Janeiro, tais como Plancher (1824), Laemmert (1827) e Garnier (1844). A moda francesa dominou o Brasil no século XIX, tanto na cultura erudita quanto na popular. A grande maioria das peças encenadas era adaptações de originais francesas, ou peças portuguesas que haviam sido influenciadas por modas francesas.

Produzir livros no Brasil era, em poucos períodos, um negócio rentável: de 1815 a 1836; de 1844 a 1860, de 1920 a 1920, e de 1951 a 1957, as tarifas sobre produtos importados eram baixas, e livros de Portugal não tinham impostos. Assim o livro brasileiro custava muito mais caro do que o livro importado, desmotivando a publicação de livros no Brasil. Além disso, impostos sobre a polpa de papel importada encareciam ainda mais o custo do livro. Lia Wyler enfatiza a importância dessas forças econômicas. A partir de 1930, o governo Vargas aumentou as tarifas sobre bens importados, inclusive livros. Várias editoras nacionais apostaram no fato de que a crescente classe média

* Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

brasileira fosse querer ler romances estrangeiros em traduções brasileiras. Como resultado, editoras, tais como a Globo de Porto Alegre, a José Olympio de Rio de Janeiro, e a Martins e a Saraiva de São Paulo, publicaram as séries de traduções mais ambiciosas até agora no Brasil. Outro fator importante foi de que a censura do Estado Novo, de 1939 a 1942, resultou em muitas editoras preferirem investimento em traduções, pois além de ser um investimento seguro, tinham muito menos chance de serem censuradas. Lia Wyler, seguindo Wilson Martins, chama essa época de a “Idade de Ouro da Tradução no Brasil” (p. 25), e enfatiza as coleções da Globo: a Coleção Nobel (1933-1958), a Biblioteca dos Séculos (1942-1952), e a Comédia Humana (1946-1955), este organizado por Paulo Rónai.

Nessa época encontra-se uma profissionalização em termos do tradutor, que não era mais um diletante, *bacharel* ou *poeta* poliglota. Talvez o auge desta época *augustana* fosse a bem equipada sala dos tradutores da Editora Globo, de 1942 a 1947, onde, no período jurássico pré-Internet, “os tradutores também contavam com a inestimável oportunidade de discutir com colegas as dúvidas” (p. 128).

E na mesma época o inglês substituiu o francês como a primeira língua estrangeira falada e lida no Brasil. O bloqueio naval pela Alemanha impediu que os livros franceses chegassem no Brasil; Zé Carioca e a política de boa vizinhança estreitaram os laços entre o Brasil e os EUA; e com Hollywood, o francês ficou cada vez mais *démodé*. Os Estados Unidos investiram no *Book Program*, iniciado em 1960, subsidiando a publicação de autores e assuntos de interesse para Uncle Tom, e os EUA tornaram-se o modelo econômico a partir dos anos de 1950, com cada vez mais literatura técnica sendo traduzida do inglês.

Monteiro Lobato, *bête noire* de Vargas, foi parcialmente responsável por essa mudança. Como o Brasil estava dominado pela cultura francesa nas décadas de 1920 e 1930, ele preferia traduzir do inglês, popularizando ficção juvenil como *Huckleberry Finn*, *Tom Sawyer* e *Peter Pan*. E sua adaptação de *Peter Pan* foi parcialmente responsável por seu encarceramento, em 1941. A má impressão que *Peter Pan* deu do Brasil (que era um país atrasadíssimo comparado com a Inglaterra), aliada ao fato de que

Lobato mandou uma carta “insultante” ao general Góis Monteiro, resultaram em seis meses de reclusão para o autor, e o confisco de *Peter Pan* no estado de São Paulo.

Com o governo de Juscelino Kubitschek e o grande avanço para a economia brasileira de 1956 a 1961, veio um grande aumento de procura por traduções, especialmente nas áreas técnicas. O estabelecimento da profissão de tradutor foi fortalecido pelo começo de cursos universitários em tradução, iniciando com o da PUC-RJ, em 1969.

Se a produção de livros é muito dependente de fatores econômicos, haverá necessidade de intérpretes onde quer que povos tenham contato entre si, como aconteceu com o descobrimento do Brasil. A técnica dos primeiros portugueses foi a de deixar um degredado para, inicialmente, permanecer com os índios, e em seguida apreender sua língua. O serviço que faria como intérprete, ou *língua*, como era chamado, ajudaria a comutar sua pena.

Para catequizar os povos indígenas, era necessário aprender Tupi, a língua geral. Padre José de Anchieta, que terminou a gramática de Tupi do Padre João de Azpilcueta Navarro, S.J., em 1595, também escreveu poesia e autos em Tupi, nos quais muitos termos católicos foram adaptados ao Tupi. Durante os próximos 200 anos, até o decreto do Marquês de Pombal, em 1759, e a declaração do português como língua nacional em 1823, Brasil era um país multilingüe. A língua geral, Tupi, era a língua falada do dia-a-dia, e português e latim eram ensinadas nas escolas como as línguas escritas. Se Pombal, temendo que os jesuítas formassem um estado separado do Brasil, não tivesse banido os jesuítas do Brasil e decretado que o português fosse a única língua do ensino no Brasil, a situação hoje no país poderia ser semelhante a do Paraguai, onde quase 100% da população é bilingüe, falando guarani e espanhol.

Um livro importante para o estudante de tradução, o tradutor, e o leitor em geral. Um livro que demonstra as dificuldades da tradutora no Brasil, às vezes no embate contra as forças exteriores: “Há contratos que impõem ao editor a manutenção dos nomes próprios originais, privando o leitor infantil brasileiro da compreensão do humor que eles encerram” (p. 15). Um

livro que todos que tenham interesse na tradução no Brasil deveriam ler.